

CAROLINA MIYUKI IDE



1290000146



FE

TCC/UNICAMP Id2e

**EDUCAÇÃO SEXUAL PARA JOVENS:
UMA BUSCA ALÉM DO RECONHECIMENTO DA SEXUALIDADE.**

**UNICAMP - FE - BIBLIOTECA
CAMPINAS
2000**

Carolina Miyuki Ide

**Educação Sexual para jovens:
Uma busca além do reconhecimento da sexualidade.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como exigência parcial para obtenção da graduação
no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação,
sob orientação da profª. Drª. Evely Boruchovitch.

**CAMPINAS
2000**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP
Bibliotecário Rosemary Passos - CRB-8ª/5751**

Id2e Ide, Carolina Miyuki.
Educação sexual para jovens : uma busca além do reconhecimento da sexualidade / Carolina Miyuki Ide. -- Campinas, SP : [s.n.], 2001.

Orientador : Evely Boruchovitch.
Trabalho de conclusão de Curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação sexual. 2. Juventude. 3. Sexualidade.
I. Boruchovitch, Evely. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Banca examinadora:

prof^ª Dr^a Evely Boruchovitch

prof^ª Dr^a Rosely Brenelli

Dedico este trabalho à todos aqueles
que se deliciam ao provar uma simples “maçã-do-amor”...
que se comovem com a sutileza de um filme ...
que se entregam sem pensar na recompensa.

Agradecimentos:

À minha orientadora, Evely Boruchovitch, pelo compromisso, carinho, atenção e incentivo nos momentos diversos deste trabalho.

À segunda leitora, Rosely Brenelli, pelo auxílio que muito enriqueceu meu aprendizado.

Ao pessoal do GEISH que me “iluminou” com os muitos caminhos / prazeres que podemos descobrir.

Aos meus pais e minha irmã querida pela força e alegria de sempre; aos meus tios Lino, João e Dina pela presença e confiança neste percurso.

Aos companheiros, Taciro, Nina, Carolzinha e Masé, pelas sábias palavras compartilhadas que ficarão "no lado esquerdo do peito".

À minhas amigas, Lub's e Fabiana, que se fizeram mais que especiais nestes cinco anos de Unicamp.

Ao meu querido Luís Carlos, pelo apoio e paciência.

Como eu nasci?

As explicações sobre o nascimento que os pais dão para os filhos mudaram com o tempo

anos 30 - fase rural:

“você nasceu na horta dentro de um repolho”

anos 40-50 - fase animal:

“você veio no bico de uma cegonha”

anos 60 - fase romântica:

“você é fruto do amor do papai e da mamãe”

anos 70 - fase técnica:

“papai colocou uma sementinha na mamãe”

anos 80 - fase científica:

“o esperma do papai fecundou o óvulo da mamãe”

anos 90 - fase sensual:

“você nasceu da transa do papai com a mamãe”

fonte: rev. Veja, 21 de abril, 1999; p. 115.

Sumário:

Resumo.....	01
Introdução.....	02
A escolha do tema.....	03
Sexo na sociedade: saúde ou doença!?	04
A sexualidade na escola: (re)pensando antigos problemas.....	05
O ser adolescente e a sexualidade.....	07
Adolescência/ família e sexualidade.....	09
Filhos informados... Pais confusos.....	10
A escola e a sexualidade.....	11
Algumas reflexões para uma educação sexual mais efetiva.....	13
Considerações finais.....	15
Bibliografia.....	17

Resumo

Atualmente a sociedade tem vivenciado muitas mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais, consequentemente tem seus valores ligados à sexualidade e família alterados. O que desperta curiosidade e conhecimento para os adolescentes têm gerado desconforto, medo e ansiedade nos adultos, que evidenciam despreparo frente à própria sexualidade.

Os meios de comunicação têm abordado insastifatoriamente este desencontro de gerações, exibindo dados quantitativos que causam polêmica em meio à sociedade mas, que poucas vezes se preocupam em informar de maneira aprofundada assuntos como a prevenção de doenças ou mesmo da gravidez indesejada. A formação de professores e outros profissionais também não têm oferecido embasamento sobre este tema, de modo que fica difícil trabalhar com os educandos.

Assim sendo, procurou-se analisar artigos, pesquisas e trabalhos relativos à sexualidade para auxiliar, tanto pais, quanto outros adultos no sentido de uma melhor educação e compreensão do processo vivido com seus filhos.

O estudo sistemático do material possibilitou avaliar a carência sofrida por nossa sociedade que desconhece o adolescente como adulto futuro e dele, muitas vezes, tenta esconder sua capacidade de prevenir e controlar problemas que comprometem sua vida saudável.

Introdução

A sociedade está passando por mudanças muito rápidas, seja no campo social, político, econômico, ou cultural. Os conceitos e os valores ligados à sexualidade, até pouco tempo atrás valorizados, estão se modificando à cada nova geração. Conseqüentemente, isto têm gerado questionamentos dos mais diversos.

Percebe-se que o sistema público de saúde, no Brasil, está longe de suprir as necessidades da população, o que nos faz atentar à 'sexualização' da sociedade e os fenômenos considerados epidêmicos, como a gravidez na adolescência e a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). A educação tem sido vista como solução para as imperfeições da sociedade; é o meio utilizado para transmitir informações sobre sexo vistas como importantes para uma vida saudável.

A sexualidade humana faz parte dos temas que causa grande inquietude na sociedade, sendo na maioria das vezes recusada na prática dos educadores. É, no entanto, um elemento muito importante para a análise e compreensão do adolescente e do seu modo de agir; está tão presente na vivência de cada um e pode contribuir ou prejudicar sua formação. As mudanças físicas, que fazem parte deste momento tão instável na vida dos adolescentes, incluem alterações hormonais que muitas vezes provocam estados de pura excitação.

A família se constitui, muitas vezes, num lugar de tensão e conflito para o jovem. Os pais encontram enorme dificuldade em aceitar a crescente autonomia de seus filhos, e se sentem confusos e inseguros diante a manifestação da sexualidade dos mesmos.

Sempre que o diálogo entre a família e os adolescentes é dificultado, fica certa a busca de outros adultos que possam ajudar o adolescente a tornar-se o adulto que ele pretende ser. A escola recebe então, um papel particular para complementar a formação do indivíduo, que neste momento precisa de cuidados especiais.

Sendo um lugar privilegiado, a escola pode contribuir frente o insaciável desejo de saber, tão característico dos adolescentes. Visto que eles não querem saber apenas sobre doenças, violência e morte, a prática educativa tem que ser muito mais ampla e aprofundada, abrangendo, principalmente, a formação da identidade, a sexualidade, a intimidade e outros aspectos importantes do desenvolvimento psicossocial do jovem.

Este trabalho tem como objetivo analisar artigos, pesquisas e trabalhos científicos relativos a educação sexual na adolescência. Tem-se em vista contribuir para uma melhoria da educação sexual para essa faixa etária.

A escolha do tema

Pesquisar e estudar esta área despertou-me incrível e agradável sensação; até então, não havia encontrado o "prazer" que a professora Olga citava em aula quando dizia-nos da relação pesquisador e objeto pesquisado, e que agora dele me alimento.

A sexualidade que é tão pouco valorizada em nossa educação causou-me angústia não só pela formação acadêmica deficiente mas, como também pelos aspectos práticos de vida. Como aluna de pedagogia tive a oportunidade de cursar uma disciplina eletiva chamada "Educação e Sexualidade Humana" da qual muito me orgulho e busco enriquecer.

Neste sentido, este trabalho pretende ser uma contribuição para aqueles que buscam conhecer, aprender e ensinar sobre este tema que causa tanta repulsa e ao mesmo tempo tanta curiosidade. Busca-se auxiliar também aqueles que se preocupam com os educandos e com o que eles estão fazendo de suas vidas. A sexualidade está presente na vida, é um ponto fundamental para a compreensão do ser humano e da sua busca pelo prazer.

Para Ramos (1990), compreender o adolescente quer dizer comprometer-se com sua educação e desenvolvimento, identificar-se existencialmente com ele, aceitá-lo com suas idiossincrasias, respeitar-lhe a individualidade e subjetividade, e amá-lo sem desconfiança. É saber comunicar-se com ele, avaliando seus pensamentos, sentimentos e condutas a partir do ponto de vista dele mesmo, evitando projetar nele idéias pré-concebidas.

A escolha do tema foi uma tentativa de suprir necessidades básicas relacionadas a educação sexual de crianças e adolescentes para me tornar mais completa, visto que basicamente havia um desejo de melhor vivenciar minha prática como irmã, prima e amiga de adolescentes que assistem constantemente novelas e debates que abordam o sexo, as relações entre familiares e valores diversos.

Um caso em especial possibilitou-me analisar minha posição em relação ao assunto: eu não consegui explicar o que é camisinha para uma criança que ao assistir "Malhação" me questionou sobre o termo. Uma coisa tão simples me entalou na garganta... e ao passar a bola para uma amiga que já lecionava na educação infantil, ela resumiu "é uma camisa pequenininha". Que decepção! Aquilo me perseguiu por muito tempo; seria certo?! E se a criança só quisesse confirmar o que já sabia?! O que fazer??

Este meu primeiro passo serve para orientar os próximos, meus e dos outros e, de certo modo, pretende causar um certo impacto ao que se tem vivido em sociedade.

Sexo na sociedade: saúde ou doença!?

A sociedade sofre com as rápidas mudanças, e exige dos adolescentes ingenuidade de criança e responsabilidade de adulto, sem muitas vezes reconhecê-los como sujeitos de cultura, desejos, medos e conquistas, principalmente se tratando de “sexo”, devido a dificuldade que nós, adultos, temos em lidar com nossa própria sexualidade.

Segundo Sayão (1998), a sociedade está muito mais tolerante com os assuntos relativos ao sexo e prova disso são as cenas das novelas, os programas da madrugada, os concursos das tardes de domingo, os desenhos infantis, os canais dedicados exclusivamente ao assunto, os sites na Internet. As revistas para homens, mulheres e adolescentes, que tratam a sexualidade fazem, em geral, uma mistura de manual de fisiologia do aparelho reprodutor, algumas recomendações médicas, bem como uma espécie de ginástica para se atingir o orgasmo.

A imagem que temos diariamente é que sexo é diversão, prestígio, desempenho, poder, e está ligado diretamente ao corpo bonito e jovem. Pressupõe-se excluídos dessa “normalidade” aqueles que não praticarem sexo ou não atenderem às características de corpo-modelo. Ao legitimar a sexualidade através de sua função procriativa, as sociedades ocidentais, durante um longo período da história, retiraram, de vários, segmentos sociais (crianças, velhos, portadores de deficiências), a possibilidade de experiências auto-eróticas. (Cruz, 1996)

O sexo, muitas vezes, é usado para controlar as pessoas, e mantendo-nas ignorantes sobre o assunto, pode-se deixá-las com medo do mesmo. A maioria dos trabalhos da mídia sobre “vida sexual” parte das dúvidas ou perguntas dos leitores e telespectadores.

Os adolescentes, por sua vez, vêem a oportunidade de se reconhecer na mídia, tendo sua dúvida respeitada, comentada e esclarecida. O material publicado é lido e aproveitado não só pelos que apresentaram as indagações, mas também por muitos outros que se identificam com aquela determinada situação.

A repressão e repulsão à este tema estão ligadas ao fato de que o sexo desperta emoções diversas no íntimo das pessoas. Cabe lembrar que este assunto envolve muitas outras coisas quase sempre esquecidas por vergonha ou conveniência.

Para Negrellos (1996), diretora de Promoção Social da Fundação para a Infância e Adolescência, o discurso adolescente nem sempre corresponde à prática pois a mesma garota que fala de camisinha tem vergonha de comprar o absorvente íntimo na farmácia.

A sexualidade na escola: (re)pensando antigos problemas.

Podemos nos remeter, de forma breve, à história da sexualidade na escola para constatar que não é de hoje que este tema ronda as mais diversas sociedades.

Embora pouco se saiba sobre a história da “entrada” da sexualidade na escola, alguns estudiosos apontam que, na França, a partir da segunda metade do século XVIII, a chamada educação sexual começou a preocupar os educadores, coincidindo com o desenvolvimento de noções relativas à repressão das manifestações de sexualidade infantil. Nesse momento, portanto, o objetivo maior era o combate à masturbação, tendo como pano de fundo as idéias de Rousseau, para quem a ignorância era a melhor garantia de manutenção da pureza infantil. Na medida em que não se podia assegurar a ignorância absoluta, a informação dirigida e repressiva era o “menor do males”, preservando assim a criança dos “perigos” da sexualidade. Na verdade, instalava-se na França, nesse período, uma educação verdadeiramente “anti-sexual” (Barroso & Bruschini, 1982)

No final do século XIX, retomou-se a questão da abordagem da sexualidade nas escolas, agora regida pela preocupação com as doenças venéreas, a degenerescência da raça e o aumento dos abortos clandestinos. No início do século XX, houveram também iniciativas favoráveis à educação sexual, com a finalidade de ensinar os jovens a transmitirem a vida, dada a ligação entre instinto sexual e reprodução humana. No período pós-guerra, ainda na França, retomaram-se os estudos e propostas para a introdução da educação sexual nas escolas, e, em 1973, decidiu-se oficialmente inseri-la nos currículos das escolas. (Sayão, 1997)

Já no Brasil, a educação sexual tem sido marcada por passos e impasses. Revendo a influência médico- higienista no início do século, a repressão da Igreja Católica (por volta da década de 50), à obrigatoriedade da educação sexual em todo o país (1968), movimentos diversos como o feminista e de controle da natalidade, até a elaboração dos “Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental” (em 1995), que inclui a orientação sexual como tema transversal. Nota-se que os trabalhos realizados possuem diferentes enfoques. Como origem, a educação sexual se caracteriza pelo aspecto informativo, biologizante e repressivo às manifestações da sexualidade. Em outros momentos, teve como finalidade principal o controle da natalidade, e, hoje em dia a educação sexual considera que a sexualidade se encontra associada à idéia de prazer.

Cruz (1996) menciona que: apesar de serem relatadas experiências anteriores à década de 60, é no período que imediatamente, antecede e sucede o Golpe Militar no Brasil que a educação sexual foi introduzida de forma mais sistemática nas escolas experimentais ou vocacionais brasileiras. A carência nacional nesta matéria é intensa, pois nem mesmo a formação do professor (1º, 2º, 3º graus) prevê a inclusão, de forma generalizada em território nacional, de uma disciplina sobre educação sexual.

Indo ainda mais longe, encontramos toda a obra de Freud no que diz respeito a sexualidade é bastante enriquecedora uma vez que assume que: toda relação é de natureza sexual, já que nela se procura a obtenção de um determinado tipo de prazer. A vida em sociedade valoriza o trabalho e desvaloriza o corpo, de modo que nos pressiona a reprimir e renunciar o prazer. "Havia uma engano muito grande em se pensar o sexo apenas após a puberdade, pois a sexualidade adulta é antes uma repetição de um modelo de sexualidade infantil". (Costa, 1986)

Entre a enorme discrepância de comportamentos esperados de uma criança e de um adulto, o comportamento sexual representa um âmbito onde se costuma manifestar com maior clareza o caráter problemático da adolescência. Nesta fase, o desenvolvimento puberal inaugura a possibilidade de determinados comportamentos e experiências associadas a copulação e o orgasmo, bem como aos seus resultados - a capacidade de ter filhos -, que não tiveram equivalente na vida infantil. (Fierro, 1996)

Hoje em dia, as relações eróticas e sexuais entre os jovens estão bem mais liberadas. Segundo Fierro (1996), nos adolescentes a atividade heterossexual mais característica é a carícia íntima (sem chegar ao coito), que geralmente ocorre no marco do comportamento interpessoal de encontro e de saída com um par do sexo oposto. A partir daí, começam surgir e se desenvolver sentimentos e comportamentos diferentes, desde a simpatia carregada de atração erótica até o enamoramento. Além desses sentimentos, Rappaport (1981) destaca a idéia freudiana que, "parte dos desejos que temos não pode ser por nós aceita, não podendo nem sequer ser percebida, notadamente os desejos ligados à agressão ou à fantasias sexuais que nossa estrutura ética rejeita(por exemplo, o incesto ou as tendências homossexuais)".

O ser adolescente e a sexualidade

Atualmente, a adolescência é vista como a fase em que o indivíduo não aceita as coisas predeterminadas. Para Costa(1986), a adolescência é um processo de "busca" de uma identidade, sendo a identidade sexual peça determinante.

Na realidade, é uma fase muito importante do desenvolvimento humano onde o adolescente experimenta a vida não mais com jeito de criança, mas sim com um novo olhar, e crítica também na formação da identidade. É neste momento que o jovem começa a descobrir as mudanças fisiológicas e psicológicas em si e no outro.

Segundo Camargo (1992), foi só a partir do início deste século que a adolescência se tornou objeto de estudos científicos contínuos, que avançaram do ponto de vista limitado do despertar da genitalidade para o estudo das estruturas mentais, esclarecendo a construção do pensamento formal, a formação de valores e a inserção do jovem no mundo social do adulto através dos grupos e dos pares.

Com essas mudanças espera-se deste indivíduo indagações das mais diversas diante os valores apresentados pela sociedade na qual ele está inserido. De acordo com o que pergunta, obtém como resposta, experimenta, gosta ou repele, o adolescente vai criando sua própria identidade, e isto se dá de forma complexa. É do adolescente, neste momento, lutar por uma personalidade independente, única e particular; e muito importante o diálogo entre pais e filhos, o que propicia segurança para ambos.

Para Fierro (1996), as características da adolescência são, em grande parte, determinadas pela cultura. Até mesmo sua duração varia conforme a cultura e a época histórica. Em nossa sociedade, o adolescente é considerado trabalhador em potencial, que, no entanto, ainda está desempregado, continua em situação de estudante e fica à espera de conseguir seu primeiro emprego.

Nos países ocidentais, este prolongamento no período educativo está vinculado ao prolongamento da adolescência, como cita Cassorla (1997): "o fenômeno dos adolescentes de 30 anos, que ainda não têm família, nem emprego e, por isso, não podem se sustentar".

Tem-se discutido muito em nossa sociedade que os adolescentes estão começando a vida sexual cada vez mais cedo. Para a Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana a idade da primeira relação sexual é apenas um ano menor que a registrada nos anos 80. No entanto, antigamente era comum mocinhas se casarem e terem filhos aos quinze anos. A diferença é que só depois disso é que elas conheciam o sexo; poucas eram as moças que quebravam esse tabu. O sexo era totalmente vinculado ao casamento e a virgindade de feminina altamente valorizada. Atualmente, a vida sexual ativa dos adolescentes, na maior parte dos casos, se dá de forma estável e fiel, mas não envolve necessariamente compromissos a longo prazo.

Nos dias atuais médicos e psicólogos que estudam a sexualidade apontam para o fato de que a idade da menarca (primeira menstruação) vem se reduzindo em quatro meses a cada período de dez anos. Por outro lado, pesquisas comprovam que esta precocidade é um fenômeno das grandes cidades pela superexposição das crianças as imagens sexuais.

Adolescência/ Família e Sexualidade.

Uma grande onda de preocupação tem rondado a mente dos pais. Estes foram criados por uma educação repressora, e constituíram suas próprias famílias quando estava em alta o relacionamento liberal, o sexo livre e a contestação à ordem social.

A “liberdade” foi encontrada pela maioria dos pais como a melhor solução para educar os seus filhos, fazendo desmerecer o ensino do respeito e o reconhecimento da existência e da importância de limites. As crianças e adolescentes, provenientes desta educação, tornaram-se confiantes de sua independência em relação aos pais; fazendo com que atuassem de modo diferente do que os pais esperavam. (Mari, 2000)

Um grande conflito se estabeleceu com esta prática. Tornam-se constantes as lutas entre os pais e (principalmente) os adolescentes, quanto ao modo de se vestir, companhias, hábitos.

Um pai permissivo e moderno nem sempre está beneficiando o filho, nem mesmo se aproximando para o diálogo.

Uma recente pesquisa da Secretaria de Saúde de São Paulo (1999) revela que a grande maioria dos adolescentes acreditam que os pais não estão preparados para saber que já transam, alguns acham que os pais os consideram imaturos e poucos não confiam na mãe porque ela não é capaz de guardar segredo e vai criar confusão.

É necessário que os pais estejam sempre presentes para impor limites sem que falem com o respeito em relação à subjetividade dos filhos. É importante também que o adolescente entenda que seus pais não devem ser vistos como rivais, disputando o poder das decisões, mas como pessoas que aceitam seus direitos de ter próprias resoluções. (Freitas, 1999)

Uma outra pesquisa realizada pela Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana verificou que 33% dos meninos e 25% das meninas iniciaram sua vida sexual tendo como cenário o próprio quarto. Apenas 10% dos meninos transaram a primeira vez em um motel. O grande refúgio das gerações anteriores ficou com apenas 6% dos entrevistados.

Muitos dos pais, que não se sentem satisfeitos com a educação sexual que receberam de seus próprios pais; gostariam de pensar e agir diferente com seus filhos, mas não encontram um lugar para conversar e refletir sobre este assunto.

Filhos informados... pais confusos.

No âmbito da sexualidade, as crianças com um novo e amplo vocabulário fazem com que muitos dos adultos se sintam atordoados, do mesmo modo acontece diante os pré-adolescentes bem informados. A tentativa de se estabelecer esse diálogo agora não é mais sobre o milagre da vida, mas sim sobre a sexualidade e o prazer. No entanto, com a dificuldade que os pais tem de responder às dúvidas de seus filhos, esta tentativa de trocar experiências e conhecer o outro torna-se certamente um monólogo. Enfatizando-se ainda que, na maioria das vezes, os pais acreditam que a curiosidade de seus filhos está diretamente ligada à uma iniciação da vida sexual precoce por parte dos mesmos.

Frente à essas indagações a Revista Veja(1999) reuniu um grupo de pais e filhos para falar sobre sexo:

(...) apesar da liberdade dos diálogos familiares, o tema ainda constrange a maioria dos adultos. Antes, as crianças queriam saber sobre reprodução humana. Interessava o caminho da sementinha do papai rumo ao ovinho da mamãe. Agora, elas perguntam sobre sexualidade e a busca do prazer. (Revista Veja, abril - 1999. p.112-118)

A necessidade dos pais de dar uma educação sexual aos filhos fez com que a maioria se tornasse consciente dessa responsabilidade. Conseqüentemente, gerou uma imensa preocupação, pois poucos pais se sentem aptos para esta tarefa. Remetem-se a própria angústia a respeito do assunto e percebem o mistério que é para eles também. O reconhecimento que sua sexualidade tem muitos aspectos reprimidos que provocam sentimentos incompreensíveis e desagradáveis, acaba por dificultar a possibilidade de reflexão sobre o tema. Nota-se nos dias de hoje, que as informações são ‘despejadas’ pelos meios de comunicação, principalmente pela televisão, antecipando algumas questões.

Como já disse anteriormente, a expressão da sexualidade do adulto é produto de um processo longo e natural. A maneira pela qual o adulto viverá a sua sexualidade vai depender de como a viveu na infância.

Não há como sabermos o que é melhor para o outro - mesmo que este outro seja nosso próprio filho. Todavia, o que se pode fazer é ajudá-lo no conhecimento de alternativas para que possa tomar uma decisão pessoal, fazendo-o crescer e buscar as suas próprias verdades.

A escola e a sexualidade.

A educação é uma instituição milenar e parece auto-sagar-se a ter como objeto a correção de todos os desvios da conduta humana. Na escola transitam informações diversas, valores sociais vigentes e a sexualidade de seus frequentadores. A educação sexual visa propor o diálogo sobre sexualidade na sala de aula.

A psicanálise foi, em parte, responsável pelo fato de se levantar, na escola, o tabu sobre o sexo e de se dar à criança informações sobre a sexualidade, pela afirmação de que a criança tem direito à verdade. Entretanto, a informação destinada à criança sobre sexo, por meios de manuais de educação sexual, se apóia na fisiologia do aparelho genital, de tal forma que qualquer criança percebe que um livro educativo explica tudo, menos o prazer do exercício da sexualidade. De forma empírica e teórica, a escola é o espaço de não-sexualidade. Nela vigora a interdição de qualquer manifestação da sexualidade, como também recomenda o adiamento de seu exercício. (Werebe, 1998)

Se entendermos a função da escola como construtora de individualidades, contribuiremos para o amadurecimento da sexualidade juvenil. Na disciplina ciências ou biologia, um dos objetivos é o aluno conhecer a anatomia e a fisiologia do corpo humano. Deste modo, a escola acaba por resumir este tema tão amplo em uma ou duas aulas e assim, criar um distanciamento entre os alunos e seus corpos.

Diversas experiências já foram desenvolvidas para os adolescentes atualizarem seus conhecimentos e adquirirem maior grau de instrução na maneira de trabalhar com outros adolescentes. Como exemplo temos o V Encontro Nacional de Adolescentes (1995) realizado em Campinas - S.P., que reuniu mais de 300 jovens de Campinas e outras cidades. Muitos desses jovens são agentes multiplicadores que buscam enriquecer sua formação para transmitir à outros jovens.

Como há também casos que enfocam outros aspectos. Em 1997, foi publicado um artigo sobre uma associação dos EUA : a Best Friends. Esta surgiu em 1987 em Washington, devido a preocupação com adolescentes que tinham uma experiência amorosa (romance) fracassada. O núcleo do programa consistia em propostas de abstinência sexual e rejeição às drogas. Esta entidade propicia oportunidades diversas para as garotas do programa que abrem mão de se envolverem afetiva e sexualmente com os rapazes a que têm contato.

Contrapondo esta idéia, também em Washington, surgiu um projeto em que envolve os adolescentes em trabalhos comunitários para melhorar a auto-estima dos mesmos. Vemos assim, de um lado estão os que defendem as conversas abertas e do outro aqueles que pregam a abstinência. A preocupação é tão grande em como retardar as experiências sexuais dos adolescentes, que a sociedade, como um todo, acaba pecando ao deixar de lado o respeito a subjetividade e o direito de conhecer e optar de cada um.

Segundo Baptista (1997) a falta de informação sobre doenças sexualmente transmissíveis e planejamento familiar é um dos fatores que mais contribuem para o aumento dos índices de evasão escolar. Complementa Suplicy (1988), que só informar não basta, é necessário encorajar a expressão da sexualidade desde a infância,

principalmente porque a sexualidade do adulto é produto de um processo longo e natural que começa, provavelmente, antes do nascimento.

Não cabe à escola competir com a família nem ocupar o seu lugar, ela deve reconhecer que cada família tem seus valores. A educação sexual na escola visa colocar o diálogo sobre sexualidade dentro da sala de aula.

Este trabalho deve se dar no âmbito coletivo, provendo informações e promovendo discussões acerca das diferenças temáticas considerando a sexualidade em suas dimensões biológica, psíquica e socio-cultural. É importante articular um projeto educativo que exerça uma ação integradora das experiências vividas pelo aluno e que inclua a sexualidade como algo ligado à vida, a saúde e ao bem-estar de cada criança ou jovem. O objetivo mais amplo da orientação sexual é o de favorecer o exercício prazeroso e responsável da sexualidade por parte das pessoas.

Algumas reflexões para uma Educação Sexual mais Efetiva

Muitas escolas convocam psicólogos para uma conversa ou palestra com os alunos. A eficácia desse tipo de atividade é bem limitada na medida em que não há continuidade e conhecimento do contexto particular da instituição. Cursos apenas teóricos não abarcam as questões que surgem em sala de aula com as crianças e os jovens.

Na verdade, são os profissionais da própria escola na qualidade de adultos significativos para os alunos que se constituem em interlocutores confiáveis para a questão da sexualidade. Mais importante que uma formação especializada, é que o profissional se sinta disponível para tal. Conhecimentos sobre a anatomia do corpo humano e relativos a temas afins à sexualidade são essenciais.

O educador interessado deve entrar em contato com as questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas e suas abordagens, assim como ter acesso a um espaço grupal de supervisão do trabalho realizado. Este acompanhamento deve ser sistematizado para que seja possível organizar e refletir as dificuldades ao longo do percurso. O grupo de supervisão constitui-se num espaço de reflexão de valores e preconceitos dos próprios educadores.

Se o assunto não for discutido na escola continuará alimentando o tabu já existente em nossa sociedade. Ao promover o debate sobre o tema a escola propicia aos jovens e adultos repensar seus valores pessoais e sociais, bem como partilhar suas preocupações e emoções. Os preconceitos impedem a utilização de informações, a adoção de comportamentos preventivos, o exercício da liberdade e o relacionamento de igualdade entre os gêneros.

A desinformação, o medo e a angústia decorrentes da ignorância podem comprometer a capacidade de aprendizagem da criança e suas possibilidades de ter uma vida sexual harmoniosa, assim como colocá-la vulnerável à experiências sexuais diante das quais se encontrara desprotegida (Suplicy, 1983). A troca de vivências e a aprendizagem do respeito por posições diferentes oferecem ao adolescente uma melhor compreensão e desenvolvimento de si mesmo, tendo o outro como referência. Sendo ouvido e respeitado o adolescente tem maiores condições de assumir suas crenças e sua identidade.

Uma das contribuições da escola para o aluno é desenvolver o pensamento e a capacidade crítica, no sentido de não aceitar nem rejeitar conceitos antes de analisá-los. Trata-se de uma tarefa informativa e formativa, tem como finalidade ensinar às crianças além das informações biológicas corretas sobre sua sexualidade, o conceito de sexualidade ligada ao bonito, ao afeto, ao respeito mútuo, a responsabilidade e ao prazer.

É preciso, deste modo, que o educador tenha uma posição positiva frente a sua própria sexualidade.

Tarefa difícil, uma vez que implica lidar com os próprios conflitos, mudar atitudes, rever o passado. É necessário repensar o seu papel profissional, eliminando posturas inadequadas, autoritárias ou paternalistas.

A formação do professor e de muitos outros profissionais raramente incorpora temas da sexualidade em seu currículo e carece também de uma abordagem mais aprofundada sobre as relações interpessoais. Por isso muitas vezes os aspectos, emocionais éticos e culturais são deixados de lado pelo mesmo em sua prática.

A educação sexual intencional compreende as intervenções deliberadas, sistemáticas, em geral regulares e planejadas, relativas ao domínio da vida sexual. Estas intervenções podem-se destinar a crianças, adolescentes e adultos e se realizarem dentro e fora do âmbito escolar. Seus objetivos são vários, e é a partir deles que se define seu conteúdo sua pedagogia.

A educação sexual intencional não se exerce sobre seres “virgens” em matéria de informação e vivências sexuais. Quando o aluno recebe esta educação na escola, já foi marcado pelas influências que recebeu na família e em todas as situações de vida cotidiana dentro da sociedade. Traz consigo idéias corretas, incompletas ou falsas sobre sexualidade, bem como opiniões e valores neste domínio. E é a partir dos conhecimentos e idéias que as crianças e jovens possuem que as intervenções deliberadas devem se orientar. (Werebe, 1998. p.155)

Considerações finais.

As acentuadas transformações sociais influem na cultura da sexualidade, possibilitando os diversos comportamentos frente ao sexo. Cada indivíduo age de maneira própria, singular e única com sua experiência; e assim, tenta compreender e aprender mais sobre a sociedade em que está inserido.

A sensualidade é amplamente apresentada e vivida nas mais variadas experiências do cotidiano. Está nos livros, na música, nos outdoors e nos filmes. É difundida com nitidez e em cores pela mídia, de vez em quando de forma até exagerada. O mundo circundante oferece o elogio liberal e indiferente à sexualidade até que suas regras sejam transgredidas. Lamentavelmente, o que podemos notar é que a liberdade sexual não está se fazendo acompanhar de uma discussão franca e informada sobre o assunto.

As crianças e os adolescentes apresentam desejos e sentimentos em um contexto socio-cultural marcado pela ampliação do erotismo e pela banalização das relações. Deste modo percebemos os educadores tomados por interrogações e mal estar. A não-satisfação das curiosidades das crianças a respeito da sexualidade gera ansiedade e tensão, pois são questões muito significativas para a subjetividade de cada um.

Ressalto então, a importância da educação sexual estar vinculada na educação como um todo; a orientação sexual deve fazer parte de um esforço contínuo de equipes multidisciplinares, para que se possa esclarecer todas as dúvidas dos jovens a respeito de sexo, sexualidade, anticoncepção, e outros. O que se almeja é um crescimento global da pessoa, no sentido de cada um se tornar mais repleto e feliz.

Com as mudanças, que atualmente estão ocorrendo de forma mais explícita, na estrutura social da família, a escola passa a ser um forte contexto para o desenvolvimento de uma educação sexual que promova no adolescente um senso de auto-responsabilidade e compromisso para a sua própria sexualidade. Sendo um lugar privilegiado, a escola pode contribuir frente o insaciável desejo de saber.

É necessário, no entanto, que os educadores tenham acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato deste tema. Ao ensinar, o professor deve manter-se sob o conteúdo verdadeiro, evitando transmitir valores pessoais referentes ao assunto em discussão. Não se trata de formar pessoas com especificidade, mas sim, possibilitar reflexões sobre os valores socio-culturais que estão presentes na maioria das ações educativas.

Foi muito significativo este trabalho para mim pois tenho agora outras muitas outras questões para discutir e pesquisar lapidando um novo olhar como mulher e educadora.

Os cursos de orientação sexual não tem-se mostrado eficazes devido a concentração maciça em transmitir informações científicas, o que é possível adquiri-las por intermédio de outras fontes. "Isto não equivale a dizer que a informação científica não é importante, porém, sozinha não é capaz de alcançar o senso de

autoconsciência, nem tampouco levar o adolescente a uma compreensão emocional de sua própria sexualidade".(Boruchovitch, 1992; p.440)

O trabalho de orientação sexual tem que eleger por principal finalidade tornar a escola um espaço dialético e dialógico, onde os alunos possam refletir criticamente as informações que recebem.

Atualmente, tem-se buscado valorizar e explorar atividades que possibilitem o conhecimento e apreciação do corpo nas aulas de Educação Física e Educação Artística (pude observar esta tendência nos estágios que realizei em Campinas e Paulínia). Todavia, na maioria das vezes, a escola tende a reprimir o corpo e subtrair os conteúdos ligados ao sexo e ao prazer. Sabe-se que a principal característica do ser humano é a busca da felicidade, do prazer. O prazer depende do conhecimento do próprio corpo, do próprio EU.

As manifestações de sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são as respostas mais habituais dadas pelos profissionais das escolas devido à falta de preparo e informação anteriormente citados. Os próprios atos são carregados de valores que a criança apreende.

A proposta nacional de Orientação Sexual, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, caracteriza-se por trabalhar o esclarecimento e a problematização de questões que favoreçam a resignificação das informações, emoções e valores recebidos e vividos no decorrer da história de cada um e que tantas vezes prejudicam o desenvolvimento de suas potencialidades. O trabalho de Orientação Sexual deve promover no adolescente um senso de auto-responsabilidade e compromisso para a sua própria sexualidade.

A proposta que é apresentada na maior parte dos trabalhos acadêmicos é proporcionar reflexão sistemática, ampla e aprofundada sobre a vivência da sexualidade humana, em várias dimensões e diversas expressões, bem como oferecer material didático, apontando pistas para um programa de ação educativa nessa área, revisando de forma crítica as atitudes e posturas dos educadores frente a sexualidade do outro e a própria.

bibliografia:

BARROSO, Carmem ; BRUSCHINI, Cristina. Educação sexual. Debate aberto. Petrópolis, Vozes, 1982.

BIANCARELLI, Aureliano. Manual reduz riscos da adolescência. In: Folha de São Paulo, 29 de abril 1999.

BORUCHOVITCH, Evely. Fatores associados a não-utilização de anticoncepcionais na adolescência. In: Rev. Saúde pública, São Paulo, 26(6): 437-43, 1992.

_____. Trabalhos em grupo: efeitos positivos e negativos para a aprendizagem. In: tecnologia educacional v.24 (128) jan/ fev 1996, p.31-33

CAMARGO, Ana Maria Faccioli et.al. Sexualidade do adolescente. In: proposições , vol. 5 nº 3 (15) nov. 94.

CANIVEZ, P. Educar o cidadão? Campinas. ed. Papirus, 1991.

CHAREN, Mona. Estas adolescentes sabem dizer 'não'. In: Seleções , maio de 1997. p.113-116.

COSTA, Juliana. Educação inclusiva e Orientação Sexual: dá pra combinar? Psicologia ciência e profissão 20 (1), p. 50- 57, 2000.

COSTA, Moacir. Sexualidade na adolescência. L&PM editores, 1986.

CRUZ, Elizabete F. A formação de professores de educação infantil. Tese de mestrado, PUC- S.P. 1996.

DUARTE, Leneide. Poucos percebem: dor de adolescente. In: A Tribuna, 30 de março 1997.

Entretexo entresexo. Campinas; Faculdade de Educação/ UNICAMP - GEISH, 1996.

FÁVERO, Maria Helena; MELLO, Regina Maria. Adolescência, maternidade e vida escolar: a difícil conciliação de papéis. O desenvolvimento da personalidade na adolescência. In: Psicologia: teoria e pesquisa .jun/abril 1997, vol.13, n.1, p. 131-36.

FIERRO, Alfredo. Desenvolvimento da personalidade na adolescência. In: Desenvolvimento psicológico e educação. 1996

FIGUEIRÓ, Mary N. D. Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio. Londrina; ed. UEL, 1996.

FREITAS. Adolescer...aborrecer. In: Rev. Mais. Artur Nogueira, 1999.

GUIMARÃES, I. Educação sexual na escola: mito ou realidade. Campinas. ed. Mercado de Letras, 1995.

Jornal do Brasil, 21 de abril 1996.

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

LAMOGLIE, Siomara. Bate-papo protetor. In: rev. Claudia, maio 2000, p.300-3.

MARI, Juliana de. Os pais estão confusos. In: Rev. Veja . 26 jan.2000

MATHEWS, Jay. Serviço comunitário nos Estados Unidos tem um índice menor de gestantes. In: -, 30 de agosto 1997.

PCN: APRESENTAÇÃO DOS TEMAS TRANSVERSAIS. vol. 8 e 10. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

PINHEIRO, Daniela. Onde você aprendeu isso? In: Rev.Veja . 21 abril 1999.

RAMOS, Evilasio. Adolescente: quem é ele. In: Educação em debate, Fort. 19-20, p.77-87, jan./ dez. 1990

RAPPAPORT, Clara. Psicologia do desenvolvimento, vol.1, 1981.

RIBEIRO, Claudia. A fala da criança sobre a sexualidade humana: o dito, o explícito e o oculto. Campinas; ed.Mercado de Letras,1996.

SAYÃO, Rosely. tv reduz corpos aos genitais. In: Folha de São Paulo 1 de out. 1998.

SECRETARIA Municipal de Educação e Fumec. Educação e cidadania. set./ out. 1995. Nº3 - ano 1.

SUPLICY, M. Sexo para adolescentes. São Paulo. ed.FTD, 1988.

_____. Conversando sobre sexo. Petrópolis. ed. Vozes, 1983.

III congresso brasileiro de psicologia do desenvolvimento . ANAIS . julho
2000 . p. 76-79, 112-113 212-213, 234-235.

WEREBE, M.J.G. Sexualidade, política e educação. Campinas. ed. autores
associados, 1998.